

Tonio Kröger: o estranho que em mim habita.

Helano Jader Cavalcante Ribeiro¹

Murilo Neves dos Santos²

Resumo: Falar sobre as relações que se estabelecem entre o estrangeiro e a sociedade que oferece asilo, as que possuem o poder da hospitalidade, parece urgente. Principalmente quando pensamos nas crescentes ondas migratórias que têm levado muitos emigrantes e refugiados para países emergentes, tais como Brasil, na América do sul, e Alemanha, na Europa. No entanto, sempre abordamos a temática, ou sempre que a temática é abordada, observamos um padrão: falar sobre o tema a partir da perspectiva do portador da linguagem de direito excluindo do debate a visão do principal agente das ações migratórias; o estrangeiro. O presente artigo surge como uma tentativa de análise e caracterização desse sujeito estranho a partir da teoria de Jacques Derrida (2003), que afirma ser essa entidade, e somente ela, a portadora da *questão* dos valores agregados nas relações que se estabelecem entre estranho e sociedade. Além disso, segundo Jean Luc-Nancy (2006), experimentar a chegada do estrangeiro é apreciar uma série de mudanças nos nossos comportamentos morais, e por isso tão importante que esta entidade deixa de ser o tema e passa a ser o foco. Para que tal análise fosse realizada, tomamos como objeto de leitura a novela escrita por Thomas Mann (1971), intitulado *Tonio Kröger* (1902). O enredo da obra e a própria construção do personagem Tonio nos proporciona uma visão interessante da problemática que é a do sujeito, que apesar de pertencer e estar inserido no contexto social que invade, questiona as convenções morais vigentes a partir da sua própria constituição de *estranho*, e por isso, é constantemente classificando como um estrangeiro social. A partir disso, buscamos traçar caracterizações identificadas no personagem com o intuito de responder as seguintes perguntas: quem é esse estrangeiro? E o que faz dele um estrangeiro? Chegando então a tripla caracterização deste indivíduo social, do estranho que em mim habita.

Palavras-chave: estrangeiros; mestiço; parricídio; intruso.

Abstract: Talking about the relations that are established between the foreigner and the asylum society, those with the power of hospitality, seems urgent. Especially when we think of the rising migratory waves that have driven many emigrants to emerging countries such as Brazil in South America and Germany in Europe. However, whenever we approach the theme, or whenever the theme is approached, we observe a pattern that is to talk about the theme from the perspective of the holder of the language of law excluding from the debate the view of the main agent of migratory actions; the foreigner. The present article emerges as an attempt to analyze and characterize this strange subject from Jacques Derrida's (2003) theory, which claims to be this entity, and only her, the bearer of the "question" of aggregate values in the relations established between them. Strange and society. Moreover, according to Jean Luc-Nancy (2006), experiencing the arrival of foreigners is enjoying a series of changes in our moral behaviors, and so important that this entity is no longer the theme and becomes the focus. For such an analysis to be performed, we took as reading object the tale written by Thomas Mann (1971), entitled *Tonio Kröger* (1902). The plot of the work and the very construction of the character Tonio gives us an interesting insight into the problematic that is the subject, which despite belonging and

¹ Professor Adjunto de Língua Alemã Universidade Federal de Pelotas. hjcristeiro@gmail.com

² Graduando em dupla licenciatura em Português e Alemão, na Universidade Federal de Pelotas. murilo_edu_9@hotmail.com

being inserted in the social context that invades, questions the prevailing moral conventions from his own constitution of stranger, and so it is constantly classifying as a social alien. From this, we seek to trace characterizations identified in the character in order to answer the following questions: who is this foreigner? And what makes him a foreigner? Then comes the triple characterization of this social individual, of the stranger that dwells in me.

Keywords: foreigners; mixed race; parricide; intruder.

1. Introdução

O presente artigo surge com intuito de realizar uma análise da novela, escrita por Thomas Mann, *Tonio Kröger* publicada pela primeira vez em 1903. O enredo da obra nos apresenta relatos experiências do narrador Tonio, acerca da estranheza que sente perante a cultura imposta pela sociedade à qual está inserido e também uma série de questionamentos constantes, levantados pelo próprio narrador, na busca da razão de não se sentir pertencente a ela. Por isso, primeiramente, buscamos validar esse autoquestionamento acerca da sua própria natureza a partir da perspectiva de Jacques Derrida (2003) ai afirmar que o estrangeiro é sempre o portador da primeira questão.

O segundo passo foi responder a seguinte pergunta: “Mas o que é, e o que torna alguém um estrangeiro?” Para a primeira parte da pergunta temos a seguinte resposta: Estrangeiro, Estranho, *Extrêus*, *Etrangér*, *Xénus*, *Ausländer* ou *Queer*; à primeira vista, um conjunto de palavras distintas em seu processo de formação morfológica e aplicação sintática, provenientes das mais variadas línguas modernas e antigas já utilizadas no globo, mas com o único objetivo semântico: Classificar indivíduos, portadores de características físicas e culturais que não são pertencentes ao habitat do senso comum. A definição semântica do termo estrangeiro em si já é bem didática e Derrida (2003), através da perspectiva filosófica, aprofunda a discussão não se preocupando com o *quem*, mas com o *como* se estabelecem as relações entre intruso e sociedade, em outras palavras o *resultado* da presença, intrusão/hospitalidade, do estrangeiro e para o estrangeiro. Ainda para ele, a figura do estrangeiro, sendo o portador da questão, não apenas se questiona, mas também surge para “contestar a autoridade do chefe, (...), do poder da hospitalidade, do *hosti-pet-s*” (DERRIDA, 2003, p. 3) e é isso que faz dele um estranho, um parricida.

Na obra literária *Tonio Kröger*, o narrador questiona a cultura do patriarca, assim, há um rompimento, no rompimento há um assassinato, nesse mesmo assassinato, um

parricídio. E não são só os questionamentos que emergem do narrador sobre si e sobre a sociedade na qual está inserido que o tornam um parricida, mas também sua bissexualidade, homoafetividade, característica que foge completamente do padrão imposto pela sociedade heteronormativa à qual ele está sujeito, e isso nos leva ao terceiro e último tópico neste trabalho a ser debatido: a tripla caracterização do indivíduo estranho.

Por mais que Derrida (2003) aponte para diversas formas de identificar o sujeito estranho e o tratamento a ele concedido pela sociedade que o hospeda, sua tarefa como filósofo não é apontar *quem* e *quando* um indivíduo se torna um estrangeiro, mantendo essa entidade no abstrato, sua tarefa é conceder ao leitor e ao seu pré-conhecimento o exercício de tirá-lo do plano das ideias e materializá-lo em seu contexto, uma caracterização que só é possível, neste trabalho, através da fala de Jean Luc-Nancy (2006):

El intruso no es otro que yo mismo y el hombre mismo. No otro que el mismo que no termina de alterarse, a la vez aguzado y agotado, desnudado y sobreequipado, intruso en el mundo tanto como em sí mismo, inquietante oleada de la ajeno, *conatus* de una infinidad excrement. (NANCY, 2006, p.45)

NANCY (2006), generaliza a entidade do sujeito estranho e ao generaliza-la ele abre diferentes possibilidades de imagens para lermos o objeto. O filósofo defende a ideia de que, não importa a entidade, mesmo aquele que seja efetivamente pertencente ao núcleo social à qual está inserido e portador da mesma língua de direito, em todos os sentidos semânticos aplicáveis da questão, que em um determinado momento se enxergue deslocado socialmente e sendo lhe imposto uma série de deveres e obrigações pertencentes às regras morais e éticas da sociedade que o hospeda, torna-se um estrangeiro social.

As presentes teorias supracitadas concedem margens à uma leitura ainda não realizada da novela *Tonio Kröger* (1902), do autor Thomas Mann, e nos levam a apontar características no narrador que efetivamente o tornam um marginal perante a sociedade que representa e descreve em seus relatos, uma visão amplamente debatida que parte de si e para si. No entanto, antes de nos aprofundarmos em questões essenciais para a construção da teoria aqui proposta, analisemos os conteúdos formais da obra.

2. Thomas Mann

Falar sobre Thomas Mann e sua vasta historiografia literária não parece ser uma tarefa hercúlea aos olhos inocentes, ainda hoje, sua obra e biografia têm suscitado debates e discussões no meio acadêmico e literário fomentando novas leituras e criando palcos para novas discussões sobre objetos que se supunha até então, lidos criticamente das mais variadas formas e na mais vasta fortuna crítica. No entanto, a sociedade modifica-se e com essa constante metamorfose, surgem novos questionamentos acerca das posturas que convencionamos como coletivas e que às vezes parecem necessitar de respostas imediatas. Retomar aquilo que aparentemente foi dado como encerrado, parece tornar-se uma ferramenta essencial para ler a história da nossa constituição como civilização à contrapelo, com o único objetivo de tentar elucidar aquilo que mais precisa de resposta no momento, neste trabalho a biografia e a obra de Thomas Mann parecem ser exemplos disso.

Nascido em 6 de junho de 1875 no seio de uma das grandes famílias aristocráticas da época, os típicos representantes do clichê alemão, o autor, Thomas Mann, é inserido em um ambiente onde a responsabilidade moral, a disciplina e os valores burgueses predominam acima das relações e desejos pessoais. Lübeck, cidade de nascimento do autor, antiga capital da liga Hanseática, cercada pelos seus altos muros medievais e pelo Rio Trave, tornou-se objeto de apresentação em muitas das novelas do autor, principalmente a analisada neste artigo, e também os dramas reais das relações privadas. Os pais de Mann, Johan Heinrich Mann e Julia da Silva Bruhns, tornam-se o primeiro objeto de debate aqui elencado.

Julia, ou “Dodô” (MISKOLCI, 2003, p.108), de origem alemã, portuguesa e indígena, uma típica latina ou sulista, nasceu no Brasil e aos 8 anos foi mandada pelo pai para Alemanha. O pesquisador Miskolci ainda aponta diversas características que marcavam a personalidade da mulher, tais como a personalidade forte e exuberante, uma forte paixão pela arte e pela sensualidade da vida, predileção pela música e pelos autores românticos, além de claro, o curioso fato de ela “Pintar os cabelos claros de preto para realçar sua origem latina.” (MISKOLCI, 2003, p.107) Em contra ponto a essa figura singular e dionisíaca temos a figura paterna e o *ethos* alemão.

Como já supracitado os Mann, antepassados do autor, faziam parte do que Miskolci (2003) vem denominar de “*Bürgertum*”, classe social que se opõe a “*bourgeoisie*”, que não são os novos ricos, mas aqueles que desde sempre estiveram

inseridos em uma casta social abastada e por isso, tornam-se exemplos do que deveria ser a elite social que predominava seus negócios na vida comercial, baseando-se em uma grande disciplina e responsabilidade moral. O pai Johann Heinrich Mann, futuro senador da cidade de Lübeck e a figura típica do alemão tradicional, torna-se para o autor uma persona que despertava respeito pelo medo e não pela afetividade, busca em Julia a parceira para a vida. Uma união que não passou despercebida pela sociedade de Lübeck, onde Julia da Silva Bruhns não era bem vista.

Aparentemente temos duas figuras completamente opostas em uma relação, o *ethos* alemão e o *afrodisíaco* sulista, nas figuras da mãe e do pai do autor. Cabe lembrar, de acordo com o pesquisador Miskoci, que o “*Mischling*” não gozava de prestígios na Alemanha da época:

A miscigenação é um conceito originário do vocabulário da sexualidade do final do século XIX, o qual não expressa apenas o temor da sexualidade inter-racial, mas principalmente o seu resultado possível, o declínio da população. [...] Acreditava-se que a miscigenação era um malefício por afastar as pessoas de suas origens. (MISKOLCI, 2003, p. 49)

Os frutos dessa controversa união para os padrões do século XIX, além de Thomas Mann (1875), são o também escritor Luiz Heinrich Mann (1871), Julia Löhr (1877) e Carla Mann (1881) e o temporão Viktor Mann (1890). E não são apenas os filhos do casal os herdeiros dessa relação, a obra maniana por si só é um fruto do casamento inter-racial onde são amplamente representados o medo do exótico quando se contrapõe o *ethos* alemão na constituição do enredo e dos personagens. Outro fator marcante na biografia do autor é a sua bissexualidade, na adolescência, com o surgimento do primeiro amor.

Já na escola e inserido em todos os contextos sociais possíveis da burguesia, as crianças Mann e conseqüentemente Thomas Mann, acabaram por criar novos laços e estabelecer relações com outras pessoas. Um desses novos nomes que aparecem na biografia da família é o de Armin Martens, embora alguns anos mais novo, despertou no autor o amor na forma mais simples e, de acordo com o pesquisador Miskolci (2003), tal sentimento se manifestava em Mann da mesma forma que os pensamentos sobre “tocar violino, ou escrever poesia”, a quem dedicou muitos dos versos produzidos, porém, Armin tinha interesse na irmã de Mann, Julia, e apesar de não rejeitar os poemas, tratava-os meramente com humor e condescendência. Em cartas, Thomas Mann

revela a intensidade dos seus sentimentos pelo garoto Martens: “Ele foi meu primeiro amor [...] amei-o de verdade, e sentimento mais terno, mais eufórico, se bem que doloroso, nunca experimentei em toda a minha vida.” (MANN *apud* Hamilton, 1985, p.57)

Thomas Mann, um autor bissexual, retrata a temática da homoafetividade em suas obras de forma pura e artística, porém direta e clara, sem nenhum artifício que deixe o leitor confuso sobre os sentimentos que os narradores possuem por seus objetos de interesse. Em muito as próprias experiências afetivas que Mann nutriu por outros homens, são representadas nas suas obras mais comentadas, tais como: *Tonio Kröger* (1903), *A morte em Veneza* (1912) e *A montanha mágica* (1924).

A virada do século XIX para o século XX na Europa, significou para a literatura e a ciência, como um todo, um período efervescente de mudanças propostas pelo iluminismo e modernismo, e umas dessas mudanças foram sem dúvidas, excepcionalmente na Alemanha pré Segunda Guerra Mundial, um período em que grupo de homossexuais, segundo Michel Foucault (2013), começou a seguir lentamente na luta da constituição da imagem da comunidade:

Ora, o aparecimento, no século XIX, na psiquiatria, na jurisprudência, e na própria literatura, de toda uma série de discursos sobre espécies e subespécies de homossexualidade, inversão, pederastia e “hermafroditismo psíquico” permitiu, certamente, um avanço bem marcado dos controles sociais dessa região de “perversidade”; mas também possibilitou a constituição de um discurso de “reação”: a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua “naturalidade”, e muitas vezes dentro do vocabulário e com as categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico. (FOUCAULT, 2013, p. 111)

Parafraseando Foucault, “O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie.” (FOUCAULT, 2013, p.47) E parece que Thomas Mann tinha consciência disso, além da ampla apresentação das diferentes manifestações da sexualidade que fogem ao padrão heteronormativo, da forma como a construção dos personagens e das próprias indagações que eles estabelecem de si para si, e de si para a sociedade, fazem com que criemos uma ideia de Mann como consciente da sua marginalização como bissexual e como *outsider*. Essa autoconsciência, talvez tenha sido um dos motivos para que o autor, de forma empática, tenha assinado um documento proposto pelo

percursor de pesquisa em gênero e sexualidade Magnus Hirschfield, “com mais de cinco mil nomes de personalidades civis alemãs, para a derrubada do parágrafo 175º da constituição alemã que condenava qualquer tipo de manifestação da homossexualidade” (SETTINGINTON, 2017, p.16).

Nos anos seguintes, mais maduro e com renome no meio acadêmico e literário, marcaram oscilações na vida do autor, entre eles o casamento com Katherine (1905), o prêmio Nobel de Literatura (1929), a experiência do fascismo alemão e ver a ascensão de Hitler ao poder (1933), o exílio para os Estados Unidos da América e o retorno à Europa. Uma informação que deve ser aqui aludida é que, um ano após a cerimônia de casamento, o autor, segundo Miskolci (2003), recebe a notícia do falecimento de Armins Marter, ainda de acordo com o sociólogo, eternizado anos antes em Hans Hansen, primeiro amor do personagem Tonio Kröger.

2.1 *Tonio Kröger*

Analisar criticamente a novela *Tonio Kröger* (1903) sem realizar uma comparação entre a obra e a própria biografia do autor parece errado, em muito os dois objetos se confundem e se tornam uma narrativa uníssona, dando eco a voz do narrador que se vê cheio de questões íntimas não resolvidas, mas que ao mesmo tempo vêm-se espelhadas nas questões sociais quando relacionadas ao trato do estrangeiro social. No entanto, este trabalho não busca associar o real do apresentado, ou equiparar a arte com a *biografia do autor*, aqui tomamos a tarefa de analisar a novela com objetividade na busca da caracterização do estrangeiro.

Voltando para os aspectos formais que compõe a novela, a obra analisada neste trabalho é pertencente ao conjunto de textos publicados na antologia denominada *Imortais da literatura* da Editora Abril, livro nº 17, juntamente com outra novela também maniano que é *A morte em Veneza*. A primeira edição de 1971 de *Tonio Kröger*, traduzido pela Sra. Maria Deling, possui um total de 74 páginas e é dividido em 7 capítulos.

A obra tem por abertura a voz narrativa em terceira pessoa, como se um ser onisciente adentrasse o enredo apenas para descrever o cenário ali representado.

O sol de inverno era apenas um pobre brilho leitoso [...] molhadas e leitosas estavam as ruas de casas com esguias

cumeiras, e de vez em quando, caía, uma espécie de granizo macio, nem gelo nem neve. (MANN, 1971, p. 11)

Tal abertura no enredo nos proporciona a clara visão de um grupo de colegas saindo da escola, um ambiente em muito exclusivo da burguesia da época, aparentando apesar da dignidade dos mais velhos ou a malícia nos olhos dos mais jovens, o respeito o *ethos* alemão, na presença dos professores. É neste cenário que Tonio se apresenta ao leitor e ocorre a troca de narradores de terceira para primeira pessoa, “Afiml, você não vem, Hans? – Disse Tonio Kröger, que esperara longamente no meio-fio.” (MANN, 1971, p.11)

A partir desse ponto a narrativa segue a vida de Tonio, dos seus dias de estudante até a idade adulta. O menino carrega nos ombros diversas questões íntimas que serão amplamente levantadas ao decorrer das páginas, entre os principais são o fato de ser originário de uma relação inter-racial, um *Mischling*, e ter a consciência disso, além dos afetos, ou dos amores experienciados, por seu amigo Hans Hansen e a loura Ingeborg Holm. Essas três abordagens e amplamente dissertadas por Tonio são tão essenciais para o entendimento da narrativa para a construção do caráter estrangeiro do personagem, que cada uma delas ganha um capítulo, com exceção da sua relação com os pais que perpassa toda obra, para que se crie um melhor quadro simbólico a respeito da influência que tal afeto, ou período teve na vida adulta de Tonio.

A obra encerra com o retorno do mesmo a sua terra natal onde, apesar da origem familiar aristocrática, do renome que conseguiu ao se tornar um exímio literato, vê-se constantemente questionado e cerceado pelos portadores da linguagem de poder e mais uma vez um estrangeiro social.

3. A tripla caracterização do estrangeiro social: O estranho que em mim habita.

O problema da caracterização do estrangeiro é a imagem comum que temos do objeto, signo e significante. Sempre que pensamos a palavra logo criamos um quadro simbólico da imagem dos turistas americanos/europeus, muito brancos e vestindo bermudas de sarja caramelo nas praias de Ipanema, ou caminhando pelas ruas de Salvador, portando máquinas fotográficas. Ou, mais recentemente, pensamos também nos muitos imigrantes refugiados de zonas de guerra, principalmente na Europa, ou

ainda de zonas onde o clima político e a falta de recursos necessários para que se constitua a dignidade humana são escassos como na América do Sul, de países do continente africano e muitos dos países da América Central.

Advertimos que essa imagem não é errônea, esses também são os estrangeiros. No entanto a análise objetiva deste trabalho é outra, é a caracterização do estrangeiro social que é pertencente ao núcleo no qual está inserido, é portador da mesma língua materna, portanto inserido na língua de direito vigente e compartilhando das mesmas regras morais, mas que em determinadas circunstâncias, em momentos não tão específicos, vê-se completamente excluído do sistema das normas gerais e por isso, marginalizado, colocado às margens do poder e do direito. Quem é essa entidade que nos leva a produzir este artigo? Jacques Derrida (2003) nos apresenta o ponto de partida para uma reflexão contundente sobre o objeto.

Mas antes de ser uma questão a ser tratada, antes de designar um conceito, um tema, a questão do estrangeiro é uma questão vinda de estrangeiro, e uma questão ao estrangeiro. Como se o estrangeiro fosse, primeiramente, *aquele que coloca a questão*, ou *aquele a quem se endereça a primeira questão*. Como se o próprio estrangeiro fosse o *ser-em-questão*, a *própria questão do ser-em-questão*, ou o *ser-em-questão da questão*. Mas também *aquele que, ao colocar a primeira questão, me questiona*. (DERRIDA, 2003, p. 3)

A brincadeira que o filósofo faz com os pronomes *aquele* e *quem*, e com as preposições *ao* e *do*, nos levam, assim como a passagem *ao todo*, a refletir sobre a figura do estrangeiro de forma objetiva. Para ele, antes de iniciar uma discussão sobre o estrangeiro, devemos analisar o que esse estrangeiro questiona, por que são as interrogações que essa entidade levanta a cerca de si e sobre a sociedade à qual está inserido que nos levam as perguntas subsequentes, ansiosas por respostas contundentes e materializadas que são: quem é esse estrangeiro social? E o que faz dele um estrangeiro? É então que Tonio surge como objeto de análise.

Tonio Kröger, o narrador personagem, não só é o portador da questão como torna-se “o ser-em-questão da questão” como propõe Derrida (2003). Diversas são as passagens na obra em que Tonio, elabora perguntas a cerca de si, para si, e também das relações de si para com a sociedade, por exemplo: “Mas que se passa comigo? Como tudo terminará?”, “O artista afinal é um homem?”, “Mas o que é o artista?” (MANN, 1975, p. 16, 40 e 41) São tais questionamentos por ele elaborados que nos permitem refletir sobre as apresentações do estrangeiro na obra, não mais do que isso,

pois ir além é não apenas cair em uma antítese da tese proposta por Derrida para análise do estrangeiro, como também elaborar falsas afirmações sobre a constituição da *persona* estranha marginalizando-a ainda mais.

Outro ponto fundamental para Jacques Derrida, além do ser-em-questão é a questão do ser-em-questão. Para o filósofo quando o estrangeiro se questiona, ele começa a contestar “a autoridade do chefe, do pai, chefe de família, dono do lugar, do poder da hospitalidade, do *hosti-pet-s*.” (DERRIDA, 2003, p. 7)

Eis a questão temida, a hipótese revolucionária do estrangeiro. Ele se previne de ser parricida por denegação. Ele não cuidaria de se defender se sentisse, no fundo, que na verdade ele é parricida; virtualmente parricida, e que dizer “O não-ser é”, é um desafio da lógica paterna de Parmênides um desafio do estrangeiro. Como todo parricídio, este acontece em família, só pode ser parricídio se estiver de alguma forma em família (DERRIDA, 1996, p. 7).

O parricídio segundo Freud (2010) é o crime fundador da civilização, e ele aborda a temática do parricídio em duas grandes obras a primeira, “Totem e Tabu” e a segunda, “Moisés e o Monoteísmo”. Para o psicanalista, através da opinião expressa na obra “Totem e Tabu”, o parricídio é o crime expresso através da violência que ocorre no processo de identificação de uma cultura patriarcal e o assassinato da mesma. Ou seja, o rompimento com a cultura do ser e um compromisso com o não-ser.

Tais apontamentos levantados por Jacques Derrida (2003) e Freud (2010) nos fazem indagar a percepção que Tonio tem de si e de sua origem. O conceito de *Mischling*, muito abordado por Miskolci (2003), não foge das percepções do narrador que perpassa por todo o texto, e sua própria origem é contestada, e em determinado ponto renunciada.

A velha família Kröger, pouco a pouco, caíra em estado de desmoroamento e dissolução, e as pessoas tinham razões para também atribuir aos sinais desta situação ao próprio gênio e os modos de Tonio Kröger. A mãe de seu pai morrera, a cabeça da família, e pouco depois seguiu-lhe seu pai, aquele senhor alto, pensativo, que se vestia com cuidado e usava uma flor campestre na lapela. A grande casa dos Kröger, com sua respeitável história, estava à venda, e a firma extinta. A mãe de Tonio, porém, sua bela e fogosa mãe, que tocava tão maravilhosamente piano e bandolim, e a quem tudo era indiferente, casou-se novamente, depois de um ano, e por sinal com um músico, um *virtuose* com nome italiano ao qual seguiu para as distâncias azuladas. (MANN, 1971, p.31-32)

A degradação do casamento inter-racial, condenado pela cultura da época, e a própria percepção de si como ápice desse declínio demonstram o quão Tonio, internamente, se questiona sobre a sua origem dando margem confirmação da acusação do núcleo social sobre sua família. O Declínio não começa nele, começa na junção do afrodisíaco sulista com o *ethos* alemão. A vó, a última da família a ter consigo a linguagem do poder, a representação da imagem de aristocracia e classicismo, morre deixando para o herdeiro o papel de dar continuidade a linhagem e status familiar. No entanto o que esperar de um *ethos* alemão que se permite levar pelo dionisíaco? A morte. E conseqüentemente a mãe, a imagem oposta ao pai, se casa novamente e retorna para o local de origem. O Rompimento, ou o parricídio, pode ser analisado segundo a seguinte passagem:

Vivia em grandes cidades, no sul, na esperança de que o sol de lá desse um amadurecimento fértil à sua arte; talvez fosse o sangue da sua mãe que o atraísse para lá. [...] Talvez fosse a herança de seu pai, do senhor comprido, pensador e bem vestido, com a flor campestre na lapela, que o fizesse sofrer tanto lá em baixo, e as vezes sentir uma fraca e saudosa lembrança, uma alegria de alma, que outrora fora dele, e que não encontrava mais entre todas as voluptuosidades. (MANN, 1975, p. 32 e 33)

Quando Tonio opta por seguir sua essência dionisíaca, tornando-se um célebre artista, ele rompe com o *ethos* alemão representado na figura paterna e na família patriarcal caracterizando-se então como um parricida. Porém, a posição de *outsider*, de não pertencente ao local em que agora se encontra, volta à psiquê do narrador, fazendo com que ele rompa também com a sua essência estrangeira, tornando-o também um matricida.

Faz muito tempo que imaginei pertencer aquele lugar. Arte, não é? Céu azul veludoso, vinho quente e doce sensualidade... Em resumo, não gosto disso. Renuncio. Toda Aquela beleza me põe nervoso. Também não gosto daquela gente lá de baixo, terrivelmente animada, com o escuro olhar de animal. Estes romanos, não tem consciência no olhar... Não, vou agora um pouco para a Dinamarca. [...] Esta inclinação nórdica deve vir do meu pai, pois minha mãe era mais pela Beleza, até um certo ponto, pois de resto tudo lhe era indiferente. (MANN, 1971, p. 41.)

O rompimento agora com a cultura afrodisíaca, representada pela figura da mãe, faz com que Tonio já adulto almeje uma viagem de volta ao lar.

O regresso ao lar nos proporciona um dos quadros simbólicos mais interessantes para análise do sujeito estranho/parricida. Derrida (2003) aponta que o sujeito estranho, tendo consciência da sua constituição como ser tentado o não-ser, previne-se de ser um parricida. E é exatamente o que Tonio faz quando, ao sair da hospedaria onde está instalado, na sua cidade de nascimento, lhe é questionado sua origem, “seu nome” e solicitado “os seus documentos” (MANN, 1971, p. 60) A resposta de Tonio, como afirma Derrida é a “denegação” (p.7):

Deveria acabar com tudo, dando-se a conhecer, dizendo ao Senhor Seehase que ele não era um aventureiro de nacionalidade incerta, não era de nascença um cigano num carro verde, e sum filho do Konsul Kröger, da família Kröger? Não. Não tinha vontade para isso. (MANN, 1971, p. 61)

Não foi a primeira vez que Tonio teve problemas com o seu nome, ou com a sua identidade. Cabe frisar aqui essa característica do estrangeiro: o nome. O primeiro encontro com o desconhecido, com uma novidade ou mesmo um intruso que invade nosso ambiente social nos impele para o questionamento do seu nome. O nome é inerente ao ser, é estanque, e essa imposição não pode ser alterada, não pode ser traduzida e segundo Derrida, eis que a “primeira violência” sofrida pelo estrangeiro acontece através da linguagem, afinal segundo Derrida (2003), “um nome próprio nunca é individual.” (p.23) E parece que Tonio entendia essa violência no momento em que era questionado sobre seu nome:

- Chamo você de Kröger por seu nome ser tão maluco, desculpe, mas não gosto dele. Tonio... Isto nem é nome. Bem você não tem culpa, Deus o livre! - Não! É provável que você em princípio se chame assim, porque tem um som tão estrangeiro e é algo esquisito. - Disse Jimmerthal e fingiu estar falando para o bem. - Os lábios de tonio tremeram. Controlou-se e disse: -Sim é um nome ridículo, preferiria, Deus sabe me chamar Henrique ou Guilherme, podem acreditar. Mas acontece que me batizaram com o nome de um irmão de minha mãe que se chama Antônio, pois minha mãe como sabem, é do estrangeiro. (MANN, 1971, p. 19).

Até o presente momento, uma dupla caracterização do indivíduo estranho foi realizada. O Primeiro, o indivíduo imerso em uma sociedade cultural que resolve romper com ela, o estranho parricida. E o segundo, o estrangeirismo provindo da origem que perpassa pela língua e nome do sujeito, que é o estranho étnico. Agora é preciso falar do sentir-se estranho; característica que em muito atravessa os sentimentos da própria

entidade que se propõe a invadir a sociedade que almeja. E para isso, nada mais crível que utilizar como objeto de análise os dois grandes e primeiros amores de Tonio Kröger; O viril Hans Hansen e a loura Ingeborg Hölm.

Os sentimentos de Tonio são a terceira e última chave para a caracterização do sujeito estranho aqui proposta, e o são porque surgem de dentro e não de fora, como propõe Nancy (2006); *“Mi corazón se convertía en mi extranjero: justamente extranjero porque estaba adentro. Si ajenidad venía de afuera, era porque antes había aparecido dentro.”* (NANCY, 2006, p. 18)

Este procedimento de observar-se a si mesmo e em relação com a vida desempenhava um papel importante no amor de Tonio por Hans Hansen. Amava-o primeiro porque era belo; mas depois porque lhe parecia, em todos os pontos, seu oposto e contraste. (MANN, 1971, p. 16)

Não nos admira que o narrador elabora um capítulo inteiro para falar dos seus amores de infância, um para Ingeborg Hölm e outro para Hans Hansen, capítulos retratos de um *ethos* alemão em constante confronto com o estrangeiro na figura de Tonio. Ali está disposto um padrão cultural que o narrador jamais poderia capaz de reproduzir sendo um estrangeiro, e por isso amava-os tão profundamente.

Enquanto Hans representa o ideal de virilidade que é exigida do modelo de homem germânico na cultura alemã; “um aluno excelente e, além disso companheiro alegre que montava a cavalo, fazia ginástica, nadava como um herói e era muito popular” (MANN, 1971, p. 16), Ingeborg, a loura e educada Hingle representa o contraste ao viril, mas mesmo assim, nos padrões exigidos pela cultura alemã como sendo o de uma boa educação e modos superiores, afinal ele a conheceu na casa da aristocracia tendo aulas de dança onde “somente os filhos das primeiras famílias tomavam parte.” (MANN, 1971, p. 25)

Ora, Tonio sabia que não poderia jamais tornar-se exemplo do *ethos* alemão, seja pela virilidade, seja pelos costumes e modos, apesar de descender dessa cultura por parte de pai, pois “O que seria mais de se esperar da sua aparência estrangeira?”, representado do dionisíaco sulista herdado pela mãe. O *ethos* alemão procura seus iguais para manter-se, uma união que se comprova quando na última etapa da sua viagem Tonio encontra os dois, agora como um casal, dançando no salão do Hotel.

Tonio observo os dois a quais sofrera as penas de amor: Hans e Ingeborg. Não eram eles, tanto a devido sinais particulares e a semelhança das roupas, mas por força de igualdade de raça e tipo, este espécime claro, de olhos azul-ferrete e louros, que evocava uma ideia de pureza, serenidade, jovialidade e uma reserva intocável, ao mesmo tempo orgulhosa e simples... (MANN, 1971, p. 77)

Esse sentimento que caracteriza o estranho afetivo, como Nancy (2006) propõe que nasce quando alguma coisa dentro já é estrangeira, coloca Tonio no papel de subjugado a cultura da qual tenta fazer parte, afinal como ele mesmo expressa na obra, ele jamais esqueceu esse *ethos* alemão representada muito mais nos dois personagens do que na própria figura do pai, afinal “Foi para vocês que trabalhei!” (MANN, 1971, p. 77)

A própria constatação de Tonio sobre sua identidade estrangeira, mestiça, que perpassa por toda a obra, finda na conclusão que ele apresenta do que é o ser para o não-ser.

Meu pai, sabe, era de um temperamento nórdico; considerado, minucioso, correto, por puritanismo, inclinado a melancolia; minha mãe, de indistinto sangue exótico, bonita, sensual, ingênua, ao mesmo tempo displicente e apaixonada e de um desmazelo impulsivo. Sem dúvida alguma, foi esta mistura que encerrava extraordinários perigos. O resultado foi esse: um burguês que se perdeu na arte, um boêmio que sentia saudades da boa educação, um artista com a consciência pesada. (MANN, 1971, p. 83, 84)

Eis então a tripla caracterização do estrangeiro que perpassa a constituição do personagem narrador Tonio Kröger: O parricida, o étnico e o afetivo. Uma análise que só é possível, como amplamente demonstrado neste artigo, por que Tonio Kröger durante todo o enredo apresenta ao mundo uma série de questionamentos que partem de si e para si, das relações que este corpo estabelece com o *tópos* no qual está inserido, e como esse local estabelece a língua de direito para ele.

Considerações finais

A ideia do sujeito estranho como sendo o portador da questão, advinda do filósofo Jacques Derrida (2003), abre espaço para análise crítica das formas como se estabelecem as relações entre sujeito e sociedade. Afinal, como propõe Nancy (2006) receber ou estabelecer relações com o estrangeiro é uma experiência corretiva na

moral do portador da hospitalidade, um tema muito em voga na modernidade e contemporaneidade; uma vez que o rechaço das crescentes ondas migratórias pelos portadores da hospitalidade, tanto na Alemanha como no Brasil, de pessoas que buscam apenas por melhores qualidade de vida, os estrangeiros, são exemplos factuais do quão ainda estamos atrasados no debate sobre direitos e deveres da hospitalidade.

Tonio Kröger, escrito por Thomas Mann, tornou-se apenas um objeto materializado para que conseguíssemos caracterizar apenas três das muitas faces desse estrangeiro e muitas das formações na entidade que observamos são impostas por aquele que concede o asilo, o portador da hospitalidade, e como já vimos tais violências de manifestam no parricídio, na linguagem e na submissão do ser.

O primeiro, o parricídio, se manifesta quando o estrangeiro precisa romper coma cultura paterna para coexistir. Quando longe dos hábitos recorrentes, convenções morais e éticas do próprio *lugar* opta por ser o não-ser. Rompendo para adaptar-se, e mais uma vez rompendo por não se adaptar. A segunda a étnica, ou o nome, perpassa o nome, uma vez que é no substantivo próprio, intraduzível, que lhe é indagado no primeiro contato que contém toda a origem do ser; afinal como afirma Derrida (2003), “não há asilo se não houver procedência. E por último, mas não menos importante, o estrangeiro afetivo e subjugado.”

Como podemos notar em *Tonio Kröger*, o narrador consciente da sua origem mestiça, do *Mischling*, da sua estranheza e do seu deslocamento social, assume o papel do estrangeiro portador da questão que se questiona. Ele assume o papel de estrangeiro afetivo quando, apesar de ter a consciência de que não poderia jamais se enquadrar dentro do padrão imposto pelo *ethos* alemão, deseja ser parte dela, ele retorna ao seu local de origem e ali é confrontado não apenas com os dois amores de sua infância, mas com o que eles representam, a junção dos dois mundos presentes nele.

Estou entre dois mundos; não me sinto a vontade em nenhum dos dois e por isso tenho um pouco de dificuldade. Vocês, artistas, me chamam de burguês, e os burgueses sentem-se tentados a prender-me... Os burgueses são bobos. Vocês adoradores da beleza, porém, que me dizem ser eu fleumático e sem saudades, deviam imaginar um dom artístico tão profundo e tão do princípio e do destino, que nenhuma saudade lhe pareça ser mais doce e digna de ser sentida do que aquela pelas delícias da trivialidade (MANN, 1971, p. 84).

Por fim, como podemos notar na fala de Tonio, a junção de dois mundos presentes na constituição do ser são a origem desse estranho, pois só há um estrangeiro

quando este contesta as regras morais impostas por um grupo, fala muito bem representada na ideia de Jean-Luc Nancy (2006) “*Muy rápidamente, sin embargo, el otro como extranjero puede manifestarse: ni la mujer, ni el negro, ni el joven, ni el vasco, sino el otro inmunitario, el outro insubstituible a quien, empero, se há substituído*” (NANCY, 2006, p. 31) Ou qualquer um, que em determinado momento, sinta-se intimado a modificar sua essência para caber dentro de uma série de regras morais, afinal receber o estrangeiro é também, experimentar uma mudança no nosso padrão comportamental.

REFERÊNCIAS

- DERRIDA, JACQUES. Anne Dufourmantelle **Convida Jacques Derrida a falar de Hospitalidade**. Jacques Derrida [entrevistado]; Anne Dufourmantelle; tradução de Antonio Romane; revisão técnica Paulo Ottoni. – São Paulo; editora Escuta, ano 2003.
- FOUCAULT, MICHEL. **História da Sexualidade: 1 Vontade de Saber**. São Paulo: Editora terra e paz, ano 2013.
- FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu e outros trabalhos**. Vol. 8 Tradução de Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, ano 2010.
- FULLBROOK, Mary. **A história concisa da Alemanha**. São Paulo. 2016. 2 edição. Editora Edipro
- HAMILTON, Nigel. **Os irmãos Mann: as vidas de Heinrich e Thomas Mann**. Tradução de Raimundo Araújo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- HELLER, Erich. **O Irônico Alemão: Um Estudo de Thomas Mann**. Londres: 1958 Editora Secker e Warburg.
- MANN, THOMAS. **Tonio Kröger e Morte em Veneza**. São Paulo. Editora Abril. Tradução Maria Deling. 1971
- MISKOLCI, Richard. **Thomas Mann: o artista mestiço**. São Paulo: Editora Anablume, 2003.
- NANCY, J. **El intruso**. 1ª Edição: Buenos Aires: Editora Amorrurtu, ano 2006.
- SETTINGTON, K. **Marcados pelo triângulo Rosa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2017.